

## CRÔNICAS DE UMA CIDADE: JORNAL FUNDINHO CULTURAL (UBERLÂNDIA -1980/2000)

Ivanilda Junqueira<sup>1</sup>

Resumo: Neste estudo, analiso a formação de uma complexa rede de territórios, lugares e não-lugares que resulta na formação de configurações espaço-temporais mais efêmeras e híbridas do que os territórios de identidade. Ressalto que o espaço comum, principalmente dos bairros centrais, é cotidianamente trilhado se transformando em suportes físicos de significados e lembranças que são compartilhados pelos agentes sociais que dele se apropriam fazendo com que as fronteiras simbólicas sejam construídas coletivamente pelos usuários conforme delimitam seus territórios. Esse espaço central não se encontra esvaziado como quer alguns estudiosos, ao contrário, é palco para o desenrolar de uma série de tensões e conflitos que permeiam as relações que são ali publicizadas a todo momento. A análise de algumas crônicas publicadas no Jornal Fundinho Cultural possibilitou a compreensão da relação entre o processo de urbanização e a construção de “lugares de memória”, dentre os quais, alguns permanecem na paisagem urbana da cidade de Uberlândia, Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Lugares de Memória. Territórios.

Os lugares de memória... se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva.

Pierre Nora, 1993.

Nora salienta que a passagem da memória à história impôs a cada grupo a obrigação de redefinir a sua identidade para a revitalização de sua própria história. O dever da memória faz de cada um o historiador de si. O imperativo da história assim ultrapassou, aos poucos, o círculo dos historiadores profissionais e não são apenas os antigos marginalizados da história oficial que alimentam o desejo de recuperar o seu passado desaparecido. São todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, que, a exemplo das etnias e das minorias sociais,

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

experimentam o desejo de partir para a pesquisa de sua própria constituição, de reencontrar suas origens.

A grande valorização que vem sendo atribuída a toda referência ao passado incentivando a sua preservação e arquivamento levou à criação da memória histórica, a qual não é considerada memória porque se encontra alheia à experiência do vivido, e nem história, porque destituída do seu valor crítico em relação ao passado. Nora ressalta ainda que não são apenas aqueles que trabalham com história oficial que alimentam o desejo de recuperar o seu passado desaparecido, mas também todos os outros, intelectuais ou não. O autor afirma que os lugares de memória nascem da consciência de que não há memória espontânea, e quando se trata do ato de lembrar/esquecer - necessitamos criar arquivos. E esses arquivos, com significância material, funcional e simbólica, são variados, de registros escritos a datas comemorativas, passando por celebrações e símbolos, e também pelos museus, bibliotecas, obras de arte. Conforme Nora argumenta, torna-se necessário manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas.

Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. O sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com incerteza do futuro para dar ao mais modesto dos vestígios, ao mais humilde testemunho a dignidade virtual do memorável<sup>2</sup>

Segundo Nora, a lembrança é passado completo em sua reconstituição mais minuciosa. É uma memória que registra e acaba por delegar ao arquivo, museus e instituições afins, o cuidado de se lembrarem por ela. Reportei-me às palavras de Pierre Nora para iniciar este estudo, porque elas traduzem um pouco da situação me marca a trajetória dos “lugares de memória” que compõem a paisagem urbana principalmente na área central de Uberlândia. Entretanto, entendo que a memória não deve ser pensada como coisa do passado, mas artimanha do presente e que é resultado do ato de lembrar e esquecer o que passou, tendo em vista o que virá. Sabemos que o passado pode ser observado e narrado de diferentes maneiras, pois a interpretação de um determinado acontecimento pode ser variada dependendo do modo como foi registrado no tempo próximo de seu acontecimento. Desse modo, um fato concreto pode suscitar diversas memórias dependendo do tempo de quem o relembra, o relê ou o reconta.

---

<sup>2</sup> NORA, Pierre. Nora, Pierre. Os lugares de Memória: a problemática dos lugares. In: *Proj. História*, São Paulo, (10), dez. 1993, p. 10.

Em relação à necessidade que se tem, atualmente de “criar arquivos, com significância material, funcional e simbólica, vejo que os meios de comunicação se apresentam como um espaço de socialização da memória, porque é também local de celebrações e comemorações, local em que decisões políticas são anunciadas, e ainda suporte para os registros da vida cotidiana além de servir como fonte para as experiências de cada um. Foi considerando o exposto acima, que optei por analisar algumas crônicas publicadas no *Jornal Fundinho Cultural*, lançado em fevereiro de 2002, por iniciativa do artista plástico Hélio Lima, atual morador do bairro Fundinho, localizado na área central, em Uberlândia. Segundo seu depoimento, seu objetivo ao fundar o jornal consistiu na divulgação da arte, da cultura e da história do bairro. Dentre os artigos nele publicados, destacam-se depoimentos de moradores do Fundinho, cuja intenção é voltada para revelar aos leitores momentos vividos no bairro em épocas passadas e no tempo presente. Outros artigos relacionados às ações culturais e de entretenimento permeiam as páginas do jornal e, além deles, publica-se ainda o resultado de algumas pesquisas que têm o bairro como objeto de estudo, pois representam uma possibilidade de obtenção de benefícios voltados para a manutenção da sua configuração atual<sup>3</sup>.

Por meio do jornal, é possível vislumbrar que uma imagem do bairro emerge das lembranças daqueles sujeitos sociais que participaram e ainda participam do processo histórico da cidade, ressaltando as mobilidades ou permanências no seu entorno. Verificou-se que apesar das ações voltadas para a sua preservação<sup>4</sup>, a sua paisagem tem sofrido muitas alterações causadas pelas inúmeras reformas que descaracterizam as suas edificações originais, sendo que algumas remontam às origens da cidade, devido a um forte processo de especulação imobiliária.

Neste sentido, Rodrigues destaca que por trás dos bens arquitetônicos remanescentes de épocas passadas que ainda se encontram preservados, “estão os moradores antigos, pessoas que resistem até a sua morte para preservar o que lhes é de grande valor, o que não é

---

<sup>3</sup> Ver os artigos: VALE, Marília M. B. O Bairro Fundinho e a preservação do Patrimônio Cultural em Uberlândia. *Fundinho Cultural*. Uberlândia, p. 10, abr. 2003. ATUXX, Denise Elias. Percepção ambiental e revitalização urbana: o caso do bairro Fundinho. *Fundinho Cultural*. Uberlândia, p. 13, abr. 2003.

<sup>4</sup> Ver: PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Ofício Circular n. 029/86. O ofício citado acompanhou o Anteprojeto de Lei que dizia respeito à questão da normatização sobre a construção de prédios no Bairro Fundinho e foi enviado às todas as instituições de Uberlândia em 15 de maio de 1986.

compartilhado por seus herdeiros, atraídos pela recompensa financeira oferecida pelo setor imobiliário”.<sup>5</sup>

Rodrigues chama a atenção para situações que têm ocorrido com frequência em relação aos bens destinados ao tombamento na cidade, como por exemplo, o caso do Cine Regente, destacado no capítulo anterior, em que a demolição, algumas vezes, ocorre na calada da noite como forma de fugir da “imposição” da preservação. Não se importando com o valor histórico agregado ao imóvel do qual são proprietários, não se preocupam com a sua destinação, apenas em garantir que seu espólio seja revertido em forma de capital. Outro aspecto a ser observado é que, os discursos dos arquitetos que pregam a conciliação da cidade moderna com a cidade histórica, e que o “conceito de patrimônio histórico amplia as possibilidades de maior integração do antigo com a dinâmica moderna da cidade”, interferem na configuração daquele espaço urbano por meio da “re-criação” de espaços e ambientes voltados para satisfazer os investimentos relativos ao comércio de luxo. Tal atividade comercial tem se ampliado pelas ruas do bairro e isso leva à intervenção nas fachadas antigas, descaracterizando-as por meio da adaptação de vitrines modernas e chamativas com o intuito de atrair as classes, média e alta que por ali passam.

Por outro lado, o acesso ao jornal também possibilita perceber permanências, algumas relacionadas à memória de seus moradores. De suas lembranças, surge uma imagem do Bairro Fundinho que não condiz com a agitação da vida moderna, o aumento da frota de carros e pedestres que se locomovem pela suas ruas e acarretam sérios problemas. Diferentemente do bairro verticalizado e movimentado por sua proximidade ao centro comercial da cidade, suas “memórias” mostram um “lugar” em que hábitos antigos ainda permanecem, como por exemplo, as relações de vizinhança, as conversas na porta da rua, as rodas de amigos que ainda se reúnem para discutir os problemas advindos com o desenvolvimento urbano e suas interferências no seu cotidiano. É esse bairro que emerge da crônica de Hélio Lima:

Bom andar por aqui batendo perna. Ruas do Fundinho, permeio a história enquanto a vanguarda nos devora. Um presente numa loja atraente e são tantas... Uma pintura, um desenho, uma gravura, uma escultura para o jardim. Nos restaurantes, diversos sabores perfumam hall de lembranças. No meio do quarteirão a Padaria Mecânica e na esquina o Oscar Mendes. Bem ali o Cine Theatro São Pedro. Entra e sai gente elegante, a orquestra desfia um repertório memorável. Fino trato, mulheres não repetem modelos na passarela da Rua da Boa Vista. Olhares se entrecruzam através

<sup>5</sup> RODRIGUES, Geisane Martins. *Viver as transformações no Fundinho: anseios de preservação e reconstrução de memórias (1980-2006)*. Monografia. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2008, p. 14.

dos tempos. Do jornal “O Progresso” de 1907 para o Fundinho Cultural algumas coisas se identificam, mas muita coisa mudou. Fulminante engenho do progresso a computação das imagens é violenta demais para o romântico olhar. Pessoas se foram. Vieram outras. Permaneceu o ideal, a energia do espaço e tudo muito bem...<sup>6</sup>

Citar essa crônica teve como objetivo trazer à tona as mobilidades e permanências no centro de Uberlândia e se justifica porque se apresenta como uma das imagens que são construídas de forma a representarem os discursos que legitimam tanto os ideais de cidadania e qualidade de vida urbana, como também os projetos voltados para o progresso e desenvolvimento. Hélio Lima tece uma trama mesclando um tempo que passou e suas palavras denotam uma certa nostalgia por não ser mais possível retornar a ele, “pois a vanguarda nos devora”. Vários elementos arquitetônicos que foram simbólicos no passado, surgem na sua narrativa, junto com eles, cheiros, sabores, funcionam como suportes de memória, pois despertam lembranças quase esquecidas de um passado distante. Entretanto, o progresso aparece como um engenho destruidor desse passado, mas a sua finalização, “e vai tudo muito bem”, leva a pensar que, mesmo sentindo saudades daquele passado de outrora, a modernidade também é bem vinda.

Várias crônicas destacam as mobilidades e permanências das praças que compõem a paisagem do bairro, no entanto, é bom lembrar que esses espaços também são marcados por contrastes:

Bancos quebrados, brinquedos destruídos, pisos soltos, alambrados caídos, lixo espalhado e rastros de vandalismos por todos os lados. Esta é a situação da maioria das praças de Uberlândia. Os frequentadores destes espaços dedicados ao lazer, à descontração e ponto de encontro com amigos são unânimes ao apontar o estado de degradação das áreas públicas. Até mesmo o cartão-postal da cidade, a praça Tubal Vilela, não escapa às críticas das pessoas que a visitam.<sup>7</sup>

Em relação às principais praças de Uberlândia, podemos pensá-las como “lugares que despertam memórias”, porque, estão sempre presentes na lembrança das pessoas e nas histórias que elas nos contam. Na crônica de autoria de Bilá Salazar Drumond, o enfoque é

<sup>6</sup> Com as palavras citadas, o artista plástico Hélio Lima, abre a edição n. 02 do jornal Fundinho Cultural em maio de 2002. As várias edições do jornal foram utilizadas como fonte documental principalmente para a construção deste capítulo por permitir ao historiador observar aspectos e peculiaridades da realidade estudada.

<sup>7</sup> PREFEITURA inicia reforma de praças. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 06, 13 ago. 2005.

para a Praça Cícero Macedo porque, segundo a cronista, ela é considerada o “berço da cidade” e objeto das “muitas recordações da infância”<sup>8</sup>.

A praça descrita por Drumond remete à dinâmica comum que movimenta a maioria de outras praças. Ela também passou por mudanças, inclusive na maneira como os usuários se apropriavam do seu espaço. Procurando compreender essa dinâmica, muitos pesquisadores têm se interessado em estudar o espaço da praça devido às várias vertentes de análise que apresenta, pois, como espaço de socialização, convívio, lazer e trabalho, ela foi, e continua sendo palco de acontecimentos comuns ao cotidiano de seus frequentadores representando a realidade vivida por eles de um modo geral. Nelson Saldanha<sup>9</sup> define a praça:

Como um espaço amplo, que se abre, na estrutura interna das cidades, como uma confluência de ruas, ou de qualquer sorte uma interrupção nos blocos edificadas. Um espaço onde em geral se encontram árvores, bancos, eventualmente monumentos, em alguns casos pequenos lagos artificiais. [...] a praça integra organicamente o conjunto formado pela cidade, mas ao mesmo tempo “está” nele como um espaço - quase uma clareira - surgido pelo distanciamento entre determinadas porções construídas. A praça “nega” a continuidade das edificações, mas ao mesmo tempo ela é, em certo sentido, a essência da cidade.

Saldanha enxerga a praça como o espaço público, obra do viver social permeado pelas relações que se desdobram nesse viver, sendo as mesmas de ordem econômica, política ou de criação cultural. A consagração histórica do fenômeno urbano significa, no fundo, a consagração ou consolidação da vida pública. Para ele, a praça é mais que um espaço que se abre no meio da cidade, é a própria essência da cidade, visto que, em todos os lugares do mundo, em todas as culturas, as praças se prestam a finalidades mais genéricas da vida social: comunitária, política, econômica, religiosa ou militar. São, portanto, espaços também de caráter ritual, onde se organizam atividades comunitárias, lugares de comemorações, de abrigo de monumentos, construções e objetos em destaque.

Diferentemente das ruas, que são espaços primordialmente de trânsito, as praças, ao contrário, são espaços associados à idéia de momento de pausa na malha urbana, de descontinuidade do tecido. Um espaço de permanência e estar, ainda que provisório. Se comparado aos espaços privados, as praças são espaços de livre uso e atendem a distintos propósitos, em que as pessoas atuam de maneira distinta daquele. É, sobretudo, um ponto de convergência da cidade, que a utiliza para o lazer, para comercializar, para trocar idéias, para

<sup>8</sup>DRUMOND, Bilá Salazar. Muitas lembranças permanecem vivas quando compartilhadas. *Fundinho Cultural*, Uberlândia, p. 08 mai. 2002.

<sup>9</sup>SALDANHA, Nelson. *O jardim e a praça*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005, p. 13.

encontros românticos ou políticos, para o desenrolar da vida urbana ao ar livre. Assim, o que difere a praça de um simples espaço aberto é a possibilidade de sua apropriação social.

O espaço urbano em Uberlândia foi se constituindo entre praças ladeadas por pequenas e tortuosas ruas que entrecortavam o município. A cidade nasceu em torno da capela Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião que foi construída em meados do século XIX. Segundo Antônio Pereira<sup>10</sup>, os atrativos para a aglutinação humana no seu entorno se devia à água que chegava através de um rego puxado das cabeceiras do córrego São Pedro e era despejada na praça por uma bica d'água.

A arraia miúda, os artesãos e os pequenos comércios eram abrigados por casebres rudimentares. Esse pequeno ajuntamento de casas em torno da igreja e um pequeno espaço à sua frente onde ergueram um cruzeiro ficou conhecido como “Largo da Matriz”. O largo, ao contrário da praça, era um espaço vazio. A praça, que veio depois, atualmente denominada Cícero Macedo, já era o espaço trabalhado para o lazer do povo.

Ali havia a Matriz Nossa Senhora do Carmo, com suas portas pesadas. O coro, o som agudo do sino convidando à celebração. O púlpito que parecia tão alto para o alcance dos olhos infantis. O altar, ostentando a imagem de Nossa Senhora, ladeada por dois anjos perfilados como soldados, tendo nas mãos castiçais, guardiães mudos do cenário que me fascinava.<sup>11</sup>

O fragmento da crônica citado acima denota a importância do aspecto religioso na constituição das cidades. Contudo, sabemos que “as praças, nas cidades construídas em todos os quadrantes e em todos os âmbitos culturais, relacionam-se a finalidades mais genéricas, pois se ligam ao espaço comum - no sentido comunitário do termo - ao âmbito político, à finalidade econômica, à dimensão religiosa ou militar da vida social”.<sup>12</sup> Seguindo esse caminho, constituiu-se o espaço da Praça Cícero Macedo conforme o significado social que a sociedade uberlandense lhe imprimiu ao longo dos anos. Esse espaço maior, “que revela e tende a confundir-se” com a cidade, com suas árvores e símbolos, se modificou conforme o progresso foi chegando, alteraram-se hábitos que, hoje, apenas permanecem nas recordações:

No meio da Praça realizavam-se as barraquinhas, leilões, festividades religiosas, ao som da Banda. Na esquina, o Hotel Vieira cujos proprietários Sr. Misael e D. Constância, solícitos e atenciosos na transferência das orientações para meus pais, novos administradores da “Casa Amarela”. [...] Ao lado, a residência de Monsenhor

<sup>10</sup>Ver: PEREIRA, Antônio. Muitas lembranças permanecem vivas quando são compartilhadas. *Jornal Fundinho Cultural*. Uberlândia, p. 08, mai. 2002.

<sup>11</sup> DRUMOND, Bilá Salazar. Op. cit. p. 8.

<sup>12</sup> SALDANHA, Nelson. op. cit. p. 15.

Eduardo dos Santos. Calçada de degraus altos serviam de andaime para as travessuras de saltar sobre as pedras à despeito do olhar de censura do bondoso sacerdote. O largo, circundado por residências onde a arquitetura da época se fazia notar em detalhes. E o buteco do Chico? (ainda está ao lado da farmácia). Não havia tostões que chegassem para comprar chupeta em forma de pássaros, revólveres, bolas e a famosa bananada em quadrinhos puxentos, cobertas de açúcar cristal. Em meio a esse pequeno grande mundo, a vida despreocupada e muito tempo para pular maré, correr pique, cantar em roda.<sup>13</sup>

A cronista narra uma série de lembranças que nos remetem aos hábitos de sociabilidade praticados outrora, trazendo à tona a imagem da residência de determinadas famílias uberlandenses que moravam no Bairro Fundinho nos seus tempos de criança, e, por meio do cruzamento de sua história com a história oficial do município, percebe-se que a maioria dos proprietários era pertencente a uma minoria seleta da população. Além disso, aborda as traquinagens da infância de uma forma a nos levar a crer que, nem mesmo o “olhar disciplinador do bondoso sacerdote” as impedia de cometer diabruras. Assim como na crônica de Hélio Lima, aqui também se encontram presentes os suportes de memória, aroma, sabor e “felicidade”. A imagem criada por ela é a de uma cidade harmônica, sem conflitos, em que era possível viver com tranqüilidade. Os hábitos se transformaram e as praças já não cumprem as mesmas funções. Porém, hoje, apesar de parcialmente descaracterizado ao longo dos anos, o local ainda preserva algumas das características originais e testemunhos arquitetônicos e urbanísticos da história da cidade. Além disso, no seu entorno, encontram-se instalados vários edifícios ligados à cultura da cidade, como o Museu de Arte da Universidade Federal de Uberlândia-MUNA, a Biblioteca Municipal e alguns dos bares e restaurantes para onde se dirigem aqueles que buscam opções de lazer e sociabilidade.

A crônica de Drumond é resultado de suas lembranças dos tempos de menina e a memória funcionou como um suporte para que essas lembranças fossem compartilhadas pelos leitores do jornal. Outros elementos simbólicos surgem das crônicas do jornal, cujas narrativas possibilitam estabelecer uma relação, mesmo que fugidia, com um passado que não mais existe, mas, por outro lado, nos conta a história dos edifícios que permaneceram e atuam fortemente nesse universo de símbolos que compõem a dinâmica da cidade. A Igreja do Rosário é um desses símbolos e, segundo Antônio Pereira:

A nova construção, que durou anos e anos, foi contratada com Ismael Norberto de Meireles por um conto e seiscentos mil réis pagos em três vezes. Arlindo Teixeira

<sup>13</sup> DRUMOND, Bilá Salazar. Op. cit. p. 8.



foi o procurador da obra. Dom Eduardo Silva, Bispo Diocesano de Uberaba, foi quem, em visita Pastora, procedeu à benção da capela. [...] Com o passar dos anos essa capela se tornou pequena para abrigar a população e [...] no dia 10 de maio de 1931, com solenes festejos, o terceiro Bispo Diocesano de Uberaba, dom Frei Luiz Maria de Sant’Ana, procedeu à bênção da capela e da imagem. Esta é a última capela que está lá na praça do Rosário, (oficialmente Ruy Barbosa), que é a mais antiga construção religiosa da cidade.<sup>14</sup>

Pereira coloca em evidência a importância da religiosidade para o processo de construção da cidade e vai ressaltando como se davam os trâmites da administração pública. É possível depreender que quem decidia sobre o destino dos edifícios de maior significado, mesmo que se relacionasse com a cultura negra, eram as elites políticas. Além disso, destaca que dentre as igrejas construídas em Uberlândia é a mais antiga e, conforme já citado, o seu tombamento ocorreu em Patrimônio Histórico Municipal pela Lei nº 4.263 de 9/12/1985.

Por outro lado, o acesso ao jornal também possibilita perceber permanências, algumas relacionadas à memória de seus moradores. De suas lembranças, surge uma imagem do Bairro Fundinho que não condiz com a agitação da vida moderna, o aumento da frota de carros e pedestres que se locomovem pela suas ruas e acarretam sérios problemas. Diferentemente do bairro verticalizado e movimentado por sua proximidade ao centro comercial da cidade, suas “memórias” mostram um “lugar” em que hábitos antigos ainda permanecem, como por exemplo, as relações de vizinhança, as conversas na porta da rua, as rodas de amigos que ainda se reúnem para discutir os problemas advindos com o desenvolvimento urbano e suas interferências no seu cotidiano.

A intenção dos moradores do bairro é mostrar que as novas finalidades atribuídas ao bairro, não anulam a sua importância como local onde a cidade se originou. Procuram mostrar que é possível a convivência da verticalização com a preservação e, desse modo, as ruas encontram-se em constante processo de construção e restauração geral para novas leituras do lugar que abriga coleções de memórias. A modernidade, como já foi dito, exerce pouco a pouco a sua interferência e antigos casarões são transformados em pontos comerciais dando ao local um *status* de “*shopping* a céu aberto.”

Contudo, entendo que ele representa uma memória “específica” - a dos moradores do Fundinho. É necessário destacar que a realidade vivida no bairro é diferente daquela vivida pelos moradores da periferia, por exemplo, e desse modo, aquilo que é significativo para uns, pode não ser para outros. Assim, um jogo de interesses permeia as relações sociais mesmo

<sup>14</sup> PEREIRA, Antônio. A Igreja do Rosário. Jornal Fundinho Cultural. Uberlândia, 04, fev. 2002.

entre os moradores, pois, enquanto uns defendem a sua preservação, outros preferem usufruir dos lucros advindos por meio da especulação imobiliária.

#### Referências Bibliográficas

- NORA, Pierre. Nora, Pierre. Os lugares de Memória: a problemática dos lugares. In: *Proj. História*, São Paulo, (10), dez. 1993.
- VALE, Marília M. B. O Bairro Fundinho e a preservação do Patrimônio Cultural em Uberlândia. *Fundinho Cultural*. Uberlândia, p. 10, abr. 2003. ATUXX, Denise Elias. Percepção ambiental e revitalização urbana: o caso do bairro Fundinho. *Fundinho Cultural*. Uberlândia, p. 13, abr. 2003.
- RODRIGUES, Geisane Martins. *Viver as transformações no Fundinho: anseios de preservação e reconstrução de memórias (1980-2006)*. Monografia. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- DRUMOND, Bilá Salazar. Muitas lembranças permanecem vivas quando compartilhadas. *Fundinho Cultural*, Uberlândia, p. 08 mai. 2002.
- SALDANHA, Nelson. *O jardim e a praça*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.
- PEREIRA, Antônio. Muitas lembranças permanecem vivas quando são compartilhadas. *Jornal Fundinho Cultural*. Uberlândia, p. 08, mai. 2002.